

#### **Aviso aos cães:**

Esta é uma publicação independente que organiza textos públicos livremente compartilhados em outras publicações e na internet com o simples propósito de debater e encorajar uma análise crítica de seu conteúdo. Nenhuma de nós endossa ou estimula qualquer ato de vandalismo, violência contra agentes do Estado, propagação do pânico, ou organizações clandestinas, rebeldes, sediciosas, subversivas, terroristas, criminosas, insurrecionárias ou qualquer outra ação pautada na ilegalidade. Nos enquadramos nessa sociedade, inegavelmente, como parte de uma classe média que se beneficia das desigualdades e injustiças do Capitalismo, logo, não temos motivos para incentivar o questionamento e o conflito com um sistema que nos garante privilégios tão especiais. É sério.

## ***Vamos direto ao ponto:***

*Nossa civilização entrou em colapso.*

Esse colapso é muito bem documentado: filósofos, cientistas, políticos, militares, estrategistas, economistas e até mesmo a NASA começaram a soar o alarme da catástrofe ecológica, da singularidade tecnológica e o colapso geral da vida como conhecemos. Apresentadores de telejornais parecem tão assustados quanto seitas ambientalistas e antigas profecias de fim do mundo: o Ártico está derretendo, adolescentes no Japão recusam-se a fazer sexo, as ruas de inúmeras cidades no mundo todo estão sendo inundadas por manifestantes mascarados e talvez, a humanidade se extinga até o fim do século.

Em meio a tudo isso, no abismo da sanidade, existem aqueles que estão se organizando para salvar a humanidade ao dissolver completamente a vida cívica em uma guerra contínua. Urbanistas trabalham em parceria com militares para prever ou controlar melhor qualquer sinal de distúrbio. Partidários do crescimento consciente e capitalistas verdes esperam manter o nível atual de exploração, mesmo sem estacionamentos e combustíveis fósseis. Cibernéticos já não podem conceber mais suas fantasias imperiais: *"imagine colocar a mente de um criminoso em um computador pra simular um encarceramento eterno! Pense em todos os recursos que economizaríamos!"*. E segurando as pontas, estão os cidadãos que anseiam pelo silêncio, que defenderão essa civilização e suas falsas ideias, assim como camponeses lutaram por Luís XVI, Tsar Nicholas e milhões de outros regimes moribundos.

E mesmo assim, uma luta global – uma tremenda luta global – emergiu desse prédio em desmoronamento. Uma onda insurrecional invadiu todos os continentes povoados. Tunísia, Egito, Espanha, Grécia, Itália, EUA, Líbia, Síria, França, Chile, Japão, Canadá, Brasil, Turquia, Bósnia, Taiwan, Ucrânia... Por toda parte as pessoas decidiram lutar por outra forma de estar no mundo – por uma vida realmente digna de ser vivida. As mesmas técnicas apareceram por todo globo e foram refinadas em função das condições locais: ocupação de praças e prédios, barricadas em chamas, reapropriação e comunicação imediata de comida e roupas, máscaras negras, molotovs, primeiros-socorros voluntário, hackeamento e vazamento de informações, bloqueio de estradas e ruas e greves. Vimos com temor a Grécia sendo engolfada por chamas, em 2008. Atualmente, cenas como essas são espantosamente comuns. Nós achamos que esse cenário não vai acabar tão cedo.

Resumindo: existe um lado organizado para preservar essa civilização frente a toda crise que exponha seu colapso iminente; e existe um lado se organizando para construir um futuro muito diferente daquele que nos foi reservado. Esses dois lados, situados num polo ou outro de uma ordem em colapso, são as forças que constituem uma guerra civil global. Este conflito não pode ser reduzido ao debate sobre quem se apropriará do governo, nem sobre o tipo de governo que desejaríamos ter. Este conflito transcende desigualdades econômicas e sociais. Este conflito diz respeito ao futuro da

vida humana e não-humana, o que significa sobreviver em tempos onde toda interação social produz informação computadorizada. Nós entramos em uma nova era geológica, cuja sua emergência é marcada por uma gigantesca tragédia. Nós devemos, assim, nos agarrar às questões reais de nossa época: **O que significa ser humano no século XXI? Como nós iremos nos alimentar no deserto, num deserto nuclear, nas cinzas de uma cidade? Como nós podemos acabar com a Metrôpole? Como nós nos encontraremos com aqueles presxs na armadilha urbano-rural? Como nós podemos seguir os nossos desejos? Com quem nós podemos viver – e como? Como podemos amar a nós e aos outrxs?** Nós devemos estar dispostxs a ver a situação tal qual ela é e prover respostas práticas para essas questões. O mundo todo está em jogo.

Nós gostaríamos que todo acontecimento insurrecionário, testemunhado em escala global, tivesse a capacidade de tornar-se permanente. Nós gostaríamos de viver dentro desse fenômeno, dentro dessas comunas que alimentam-se a si mesmas, vestem-se a si mesmas, que debatem, que dançam juntxs, lutam juntxs, que sofrem e se fortalecem juntxs e que se expandem. Muitos obstáculos vem em nossa direção – várias respostas prontas para questões que nunca deveriam ter sido formuladas; arames-farpados nas bordas dos caminhos para nos impedir de *vagar em outros lugares*. Mas e agora? Nós queremos romper, logo de cara, acabar com tudo, realmente – mas no fim do dia, a força de nosso “não”, depende do poder coletivo por trás dele. Esse poder deve ser construído.

GUERRA  
+ GERA 2  
GUERRA

*Consigam uma propriedade. Uma rádio pirata. Construam um forno. Aprendam a cozinhar bem. Aprendam outros idiomas. Arranjem armas e aprendam a usá-las. Vendam rango nas ruas e saibam fazer seu próprios negócios. Ocupem prédios. Abram Cafés, Restaurantes, Pizzarias, Livrarias. Desenvolvam permacultura. Aprendam primeiros socorros e medicina natural. Consigam muita maconha, façam um pomar. Cultivem amizades. Consigam equipamento de filmagem e façam documentários. Conversem com camaradas mais experientes. Aprendam artes marciais. Leiam. Viajem. Aprendam uns com xs outrxs. Escrevam jornais. Pensem e ajam para além dos tempos difíceis. Saqueiem. Organizem encontros regionais. Construam revistas internas. Refinem a arte da sabotagem. Aprendam criptografia e novas formas de se comunicar. Distribuem contra-informação. Criem uma contra-imprensa. Distribuem Matéria-prima e modos-de-produção; materiais de camping; kits de sobrevivência e sementes orgânicas e crioulas. Compartilhem pensamentos, sentimentos e práticas. Aprendam e desenvolvam formas de solucionar conflitos. Estudem história e aprendam com a história. Construam mesas; Façam arte. Roubem dinheiro de quem tem muito ou produtos em grandes lojas. Aproximem-se uns dxs outrxs. Iniciem revoltas incontroláveis.*



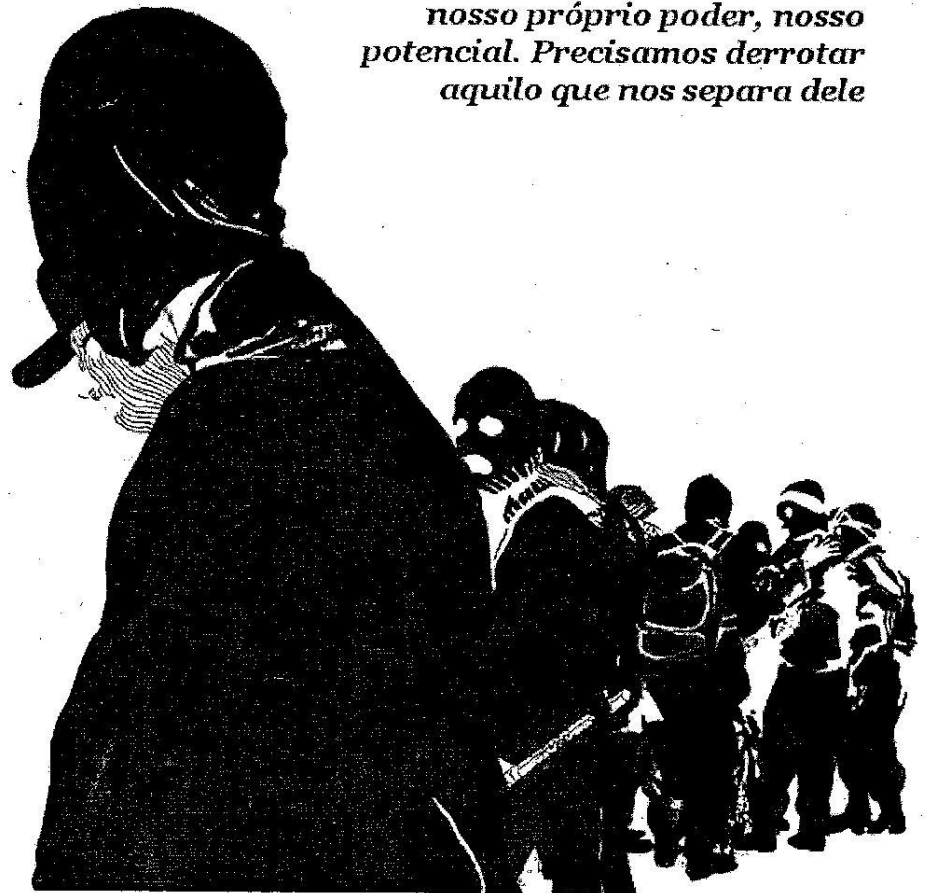
**N**o decorrer dos últimos quatro anos começamos um processo espontâneo e intencional de constituição de nós mesmxs enquanto uma matéria e força insurrecional. Nós nos encontramos nas ruas e nos parques transformados pelas multidões que as ocuparam. Mesmo que nossa história tenha sua origem em encontros casuais – nas escolas, nos shows, nos bares, nas okupas – situamos a emergência de nosso poder coletivo nas ondas de agitação que ajudamos a compor. Ao longo do caminho, nos inspiramos em muitas outras pessoas que se organizaram da sua própria forma: coletivos de hackers, mutirões de hortas urbanas; espaços autônomos auto-geridos, além de outras malandragens e tramóias para escapar dos tempos de crise.

Nesse momento aprendemos bem que o ambiente no qual habitamos – chame de Capitalismo, Civilização, Império, Ocidente – é construído para prevenir qualquer forma de ameaça a ordem vigente. As identidades políticas que nos oferecem – anarquista, ambientalista, marxista, socialista – foram construídas em/para um específico momento histórico que já se foi. E não se equiparam ao longo das décadas com ferramentas para que realmente possamos lutar. Deixamos para trás a bagagem que nos enfraquece e nos sobrecarrega mas ainda carregamos o que nos fortalece. Na medida em que lutamos juntxs e envelhecemos, confrontamos inúmeras forças que ameaçaram e ainda ameaçam nos dividir. Resistindo à tendência em perder o rumo e o foco, em retornar à miserável solidão da normalidade capitalista, em nos atolar em negatividade, nós escolhemos nos apoiar umxs nxs outrxs. Isso não é apenas uma escolha teórica mas uma vivência prática. Tendo testemunhado o fato de movimentos e lutas se acabarem com o fracasso em criar condições para sua sobrevivência, nós escolhemos criar uma ofensiva que possa sustentar a si mesma. Precisamos descobrir em cada momento aquilo que coloca cada uma de nós em contato com nosso próprio poder, nosso potencial. Precisamos derrotar aquilo que nos separa dele.

O processo de construir uma força já começou e ao mesmo tempo precisa de novos começos – começos que partem do que está imediatamente presente e disponível. Com esse texto, pretendemos incitar a formação de um território revolucionário através das regiões. Escrevemos para responder à pergunta que fazemos diariamente: “mas na real, o que deveríamos estar fazendo?” Passamos muito tempo evitando dar uma resposta enquanto encontramos as respostas comuns mais estéreis. Quase sempre as pessoas que conhecemos encontram superficialmente a possibilidade de viver de uma forma um pouco diferente. E estão ao mesmo tempo perdidas entre as pressões para retornar à normalidade ou tomar uma comunidade existente com sua única chance ou ponto de partida possível. Mesmo as amizades sendo cruciais para nossa luta, acreditamos do fundo do coração na capacidade de qualquer pessoa para começar imediatamente o processo de construção de uma força revolucionária onde quer que ela esteja. Para ser mais explícito: qualquer pessoa, em qualquer lugar pode e deve começar de onde ela estiver. Imediatamente.

A seguir, apresentaremos nossa visão sobre um possível futuro próximo e oferecemos passos em direção a sua realização. Partindo de uma posição de fraqueza e isolamento até uma situação de escalada de força revolucionária. Essas visões são algumas das que elaboramos em conjunto ao longo de muitos anos em conversas tranquilas ou não, com compas de nossa cidade ou de outros lugares do mundo. As sugestões práticas encontradas aqui devem ser entendidas como possibilidades reais, uma ligada à outra por uma coerência estratégica. Nós pedimos para que você pense sobre sua própria vida, suas amizades e suas próprias inclinações. E considere totalmente, para além do que está exposto aqui, a possibilidade de uma ruptura permanente.

**“** *Precisamos descobrir em cada momento aquilo que coloca cada uma de nós em contato com nosso próprio poder, nosso potencial. Precisamos derrotar aquilo que nos separa dele*



Uma coisa precisa ser dita desde o início: não há mínima chance de nenhumx de nós sobreviver sozinho. É necessário algo que transcenda o “eu” como um ator individual e todas as formas com que esse “eu” aprendeu a se relacionar com o seu mundo, suas amizades, com sigo mesmox. Por isso, o primeiro passo para as pessoas em uma guerra contra o status quo será: encontrarem umas às outras.

Na verdade, insurgentes em potencial estão por toda parte. Enquanto os movimentos de trabalhadores tem as fábricas para se encontrar e as greves para mostrar quem são xs covardes, nós temos todo o espaço da metrópole para nos conectar e inumeráveis métodos de subversão para identificar quem é quem: o confronto nas ruas, o roubo, o bloqueio nas estradas, a ocupação, as barricadas. Cafés, refeitórios, bares, universidades, jardins comunitários, livrarias, grupos de estudo, galerias de arte, parques, conferências de hackers, feiras de produtores orgânicos, festas de rua: todos esses lugares são cruzados por linhas antagônicas, por lados diferentes e as pessoas que os escolheram, conflitos e suas consequências que ficam encobertos pela superficialidade do discurso civil. Com alguma atenção podemos nos tornar sensíveis a esses antagonismos. Para nós, isso significa que camaradas em potencial espreitam por lugares em que normalmente não olhamos. Para compor novos ritmos de revolta, precisamos afinar nossos ouvidos para melodias de lutas e paixões que ultrapassam as categorias sociais e políticas que aprendemos a reconhecer.

O que é político em nossas amizades vem à tona quando nos afetamos por coisas ou eventos semelhantes, quando nossos conhecimentos e nosso poder interagem e se inter cruzam de forma a nos fazer mais fortes. Temos um laço com as pessoas que consideramos amigas devido a alguma experiência, escolha ou decisão que faz com que o crescimento de suas forças leve ao crescimento das nossas. Simetricamente, temos um laço com quem compreendemos ser nossos inimigos de forma que, para minha força aumentar, é necessário minar suas forças. Alguns eventos fazem de nós algo maior do que já somos e nos tornam mais potentes, enquanto outros nos decompõem e nos enfraquecem, nos fazendo meno vivxs. Precisamos nos tornar sensíveis a essa realidade e nos mover em direção ao que nos fortalece e escapar do que nos enfraquece.

De início, encontrar-se pode abrir caminho para intensidades ético-políticas, mas só se quem se encontra já têm esse objetivo. O problema não é que as pessoas não tem esse objetivo, mas sim que todas partem de um estado de isolamento e neutralidade. Em nossa sociedade, as pessoas estão unidas apenas por uma estética disfarçada de



*cultive amizade,  
alegria e resistência*

“comunidade” e por identidades concedidas pelo mercado ou pelos discursos políticos. De um lado, essas falsas unidades agrupam elementos ocultando suas diferenças enquanto permitem a produção de formas homogêneas e abrangentes (organizações de massa, tribos urbanas, cenas políticas); por outro lado, e ao mesmo tempo, provocam falsas divisões, impedindo o surgimento de laços de intensidade. Relações mantem-se muitas vezes por interesses comuns – a economia interna dos clubes sociais, dos nichos, as “comunidades” do Facebook qualquer subcultura. *Quando o que temos em comum entre nós se reduz a gostos e estéticas similares, nossas relações são facilmente capturadas, e assim, facilmente manipuladas para se tornarem identidades mais digestíveis, seguras e controláveis.*

Nós só vamos superar os limites dessas subjetividades superficiais quando elaborarmos – criarmos, difundirmos, concretizarmos e defendermos – uma disposição ética no mundo em que vivemos. *Uma ética, não uma moralidade:* uma moralidade consiste em um milhão de pequenas regras sobre como devemos viver nossas vidas e milhares de formas de justificar a origem dessas regras. Moralidade é o que é performado em um tribunal, na sala de aula, na igreja e, sendo assim, não fornece nenhum caminho para uma nova forma de vida. Uma ética, não uma identidade (trabalhadorxs, estudantes, pobres, ricxs, negrxs, mulheres): identidade é sempre fornecida por um conluio terrível entre Democracia e Facebook. Por sua vez, uma questão ética é a questão que diz como estou no mundo. Não existencialmente, mas taticamente. Uma elaboração de uma ética é exatamente o que tem sido impossível devido a uma variedade de mecanismos e dispositivos que constituem o ambiente hostil no qual vivemos: policiais e prisões, é claro, mas também o metrô e suas catracas, a mercantilização e privatização do conhecimento técnico, a gestão da revolta. Se uma única ética é permitida nesse mundo, é apenas a de nossa deficiência existencial doentia: a hegemonia de um modo de vida unidimensional que requer que toda ideia seja separada de suas consequências, que toda paixão termine “onde outras começam”. *A perfeita união entre o que acreditamos e aquilo que fazemos é a base de qualquer libertação verdadeira.* Quando isso acontece em uma festa, em um protesto, em uma fábrica, em um supermercado ou qualquer outro lugar, **a polícia sempre vai aparecer.**

Seríamos negligentes se disséssemos que todas as coisas que envolvem paixão são igualmente boas – esse é o pluralismo liberal que veio para dominar os mercados consumidores e círculos acadêmicos pelos últimos 50 anos. Enquanto o ambiente no qual vivemos é organizado para prevenir qualquer conflito venha à tona, o fetichismo do conflito por si só também não nos leva a lugar algum. Como vimos na Ucrânia, inimigos do Estado podem assumir qualquer forma – e isso inclui o fascismo por trás de barricadas. Uma disposição *comunista* – isto é, a abolição de toda propriedade e forma de estado – será a continuidade que conecta todas as nossas ações: uma refusa anárquica do controle e da reificação serão as bases para a proliferação de possibilidades insurrecionárias.

A intensidade emocional e afetiva de nossas relações devem se manifestar em uma consistência material. Falhar nesse ponto nos leva, inevitavelmente, a uma fragmentação e ao isolamento. Toda escolha de vida – onde viver, com quem viver, onde conseguir nossa comida e como compartilhar, como conseguir dinheiro e o que fazer com ele – é uma questão que pode ser respondida de uma forma diferente. O que a princípio parece uma questão ou responsabilidade individual pode ser compreendido como uma oportunidade de aumentar nossa força coletivamente.

**A** princípio, o que compartilhamos pode ser pequeno e até momentâneo: um prato gourmet roubado de um mercado rico, pixadorxs juntando tinta para trabalhos coletivos, compartilhar o roubo ou o saque de uma noite de protestos, a conspiração de baristas que roubam café, alimento ou dinheiro para compartilhar em casa com amigxs. Ao longo do tempo, podemos nos organizar para compartilhar ainda mais. Viver juntxs. Compartilhar refeições e dinheiro. Começar uma horta ou ocupar um terreno. Compartilhar técnicas de roubo ou estratégias para se esconder, quando necessário. Aprender a cozinhar pra duas, três ou vinte pessoas. E então para centenas.

Aumentar nossa força significa que sempre buscamos um modo de aumentar nosso poder coletivamente e nos organizamos para tal. Habilidades e conhecimentos especializados devem ser apropriados dos círculos intelectuais aos quais estão presos. Remédios herbais, construção, estratégias financeiras, permacultura, programação e empregos formais podem ser úteis. A dádiva, isto é, prática de compartilhar sem uma reciprocidade obrigatória, pode ser difícil de entender no início. Normalmente essas formas de cuidado e apoio mútuo não conseguem se espalhar após o surgimento de um casal monogâmico ou de uma família nuclear. Quando construímos nossa vida em comum, a necessidade de dinheiro ou cálculos entre nossas relações se tornam menos práticas e necessárias ou cada vez mais absurdas. Há tantas outras coisas que podemos compartilhar além de nossas senhas no Netflix.

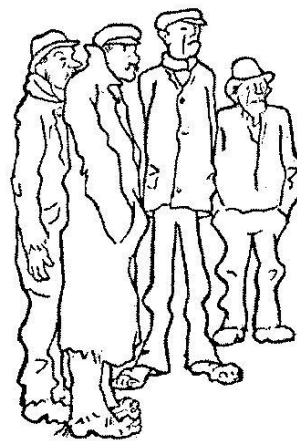
Para isso, precisamos de *espaços*. Lugares onde podemos nos encontrar, cujo endereço pode ser publicado pois não está vinculado a nenhum nome. Lugares que podem abrigar dezenas de pessoas que não caberiam em uma casa; lugares que podem abrigar as milhares que não cabem do lado de dentro. Lugares para sermos produtivxs, que tenha espaço para estocarmos materiais e equipamentos. Para imprimirmos jornais, nos reunirmos, escrevermos. Lugares para nos encontrar: um café, um restaurante, uma distribuidora de livros, um bar. Espaços que podemos alugar, ou melhor: comprar e ter a maldita propriedade coletiva. E assim, resistir ao aumento dos preços que nos fazem mudar de uma vizinhança devido à especulação imobiliária.

Para ser mais explícito, não propomos a simples posse de um imóvel ou objetos para nos isolarmos ou nos abrigarmos em torno. Queremos construir uma luta, um levante, que ocorra no nível da vida cotidiana e não como se tirássemos férias dessa vida. Uma revolta que pode ser um ritmo pulsante de pequenos eventos de constante subversão. Uma casa comunitária no meio de uma cidade pode se tornar a porta para uma outra realidade ou um peso para todas as pessoas envolvidas. Não basta apenas ter um lugar, uma casa ou uma terra. Precisamos nos tornar um território expandindo o tráfego de relações paralelas em um espaço e entre todos os outros. Não faz sentido nos apegarmos a uma moral ou "dinâmicas internas" empreitadas. Vamos apenas evitar a exploração mútua e juntar o que essa sociedade insiste em separar: prática sem pensamento, ação sem contemplação, pensamento sem sentimentos. O que se torna um fardo pode ser abandonado. Queremos ter mais força e energia com o tempo, e não menos. Portanto, faça o que te coloca em movimento.

Juntxs, devemos aprender como funcionam os mecanismos que nos controlam e saber quais são suas vulnerabilidades. Devemos compartilhar ferramentas para o raciocínio tático, visão estratégica e para uma conexões poéticas. Precisamos entender como o que

nos rodeia nos restringe e nos divide. Como as ideologias nos mantêm dóceis por meio de ações concretas. Mas devemos também aprender e compartilhar modos de captar recursos, fraudar, roubar e conspirar. Quando o emprego de oportunidades estratégicas surgem, elas devem ser apropriadas em o mais rápido possível. Um caminhão tombado ou uma loja saqueada durante um protesto nos permitem ter e compartilhar bens necessários ou úteis, que de outra forma não teríamos acesso. Quando um distúrbio surge na cidade, devemos saber como fazê-lo se espalhar e como sabotar a comunicação e a logística do Estado. Quando policiais ou outros agentes estão buscando alguém em nossa vizinhança, devemos saber como alertar as pessoas e ajudá-las a escapar. Quando compas estão sendo tragadas pela depressão, não podemos deixar de demonstrar que são importantes e queridas. Devemos considerar a origem comum de todos esses problemas e suas saídas.

Pouco mais de um século atrás, a América escravista era entrecortada por uma rede de conspiração. Uma consistência estratégica conectava campos, lavouras, matas, comércios, albergues, quilombos, igrejas, fazendas e escravxs por, literalmente, milhares de quilômetros. Participantes dessa conspiração sofreram perseguições, vigilância e repressão. Suas habilidades em transformar usas vidas em uma prática coletiva fizeram com que se tornasse resistentes a essas operações. Por muito tempo ajudaram na fuga e a clandestinidade de centenas de milhares de pessoas escravizadas. Se o que faziam era um ataque direto ou não às instituições comerciais de sua época ou a mera construção de alternativas, isso não nos importa e talvez não importasse para essas pessoas também. Acreditamos que o cenário atual pode tirar proveito desse legado como um ponto histórico útil a ser contextualizado e aperfeiçoado.



"Saiam dessa terra!"  
"Por que?"  
"Porque ela é minha!"  
"Como conseguiu ela?"  
"Era do meu pai"  
"E como ele conseguiu a posse?"  
"Era do pai dele."  
"E como o pai dele conseguiu a posse?"  
"Ele lutou por ela!"  
"Ok, então vamos lutar com você."



**N**ós seremos confrontados por todos os lados por aqueles que desejam minar nossa luta, insistindo em dizer que buscamos apenas construir uma nova sociedade dentro da atual, ou de que somos extremistas preocupados apenas com a destruição. Não podemos fazer nada senão dar de ombros para idiotas que nos chamam nihilistas num dia e de seguidores de *estilo de vida* no próximo. Reconhecemos essas divisões como um binômio fundamental na lógica imperial: normal e anormal, cidadão e criminoso, legítimo e ilegítimo.

Lutas e antagonismos são normalizados quando eles são forçados a se articular como uma negociação com o Estado, empresas ou outras instituições. Esta é a alçada dos movimentos de ativismo e de justiça social. A tentação de ser sugado para organizações comunitárias, de esquerda ou de direita, é persistente e compreensível. O que esses grupos - igrejas, organizações sem fins lucrativos, sindicatos, partidos políticos - oferecem às pessoas é continuidade, estabilidade, às vezes dinheiro, e sempre os falsos pretextos de pragmatismo. Mas a abordagem ativista sempre espelhou as estruturas que ela supostamente desafia, respondendo às forças que dividem nossas vidas em esferas separadas de trabalho, raça, assistência médica, direito ao casamento, e assim por diante, com demandas fragmentadas. Conformando-se com discursos governantes, ativistas sempre perderam o que está realmente em jogo, confundindo a vida com uma coleção de questões distintas.

Por outro lado, e muitas vezes em reação às forças de recuperação, outras se retiram para a categoria "anormal", permitindo-se tornarem-se isoladas da sociedade, de seus slogans patéticos, de seus terríveis métodos de pacificação. Elas se permitem tornarem-se militantes. Mas, assim como o tráfego para o trabalho é uma consideração primária no planejamento de rodovias interestaduais - engarrafamentos são evitados pela adição de novas pistas, limites de velocidade regulados com cuidado, saídas e pontes taticamente colocadas - dissidentes políticos são contabilizados. O governo precisa de um sujeito militante. Nenhuma operação policial está completa até que uma célula de organização, uma gangue, uma máfia, um terrorista, ou alguma outra subjetividade criminosa seja identificada e eliminada. Ao adotar uma posição dentro dos debates do governo, como a antítese de sua tese, a violência à sua não-violência, os militantes estão condenados antes de começarem. O seu destino já está determinado: isolamento e morte. Ainda assim, a ameaça mais urgente que o militante representa para uma insurreição é a especialização de revolta: que milhões de pessoas se tornarão seguras de sua posição como espectadoras nos conflitos privados entre a polícia e as "forças rebeldes".

O normal e o anormal, o cidadão e o criminoso, e cada variação destas dicotomias, consubstanciam um ao outro, o que quer dizer que nenhuma dessas posições nos oferece uma saída. Nossa força reside em nossa capacidade de não afirmar nenhum, e ocupar ambas. Temos de aprender a ser visíveis para o movimento e invisíveis para o Estado. Isto é o que toda boca de fumo faz, o que todo e-mail criptografado faz e o que devemos sempre reaprender a fazer. Uma massa de jovens dispostas a se revoltar não significa nada se elas não são inteligentes o suficiente e rápidas o suficiente para não serem pegadas, ou se não há dinheiro para socorrer as amigas depois. Da mesma forma, uma rede de cooperativa de jardinagem poderia muito bem ser o indicador estético de que os da classe média ambientalista abriu mais um negócio se não nos lembrarmos de

que tipo de luta a verdadeira autonomia implica. O que importa não é uma ação particular (medicina, trabalho intelectual, cozinhar) ou um objeto específico (impressoras, tinta spray, jarros de vidro, metal), mas como ele está conectado a todos os outros objetos, cada outra prática - e como nós circulamos entre eles. Tudo o que fazemos e tudo que tocamos pode assumir um novo caráter quando ligado a outras práticas, espaços e camaradas. Não se permita ser enganado por detratores: assim como habilidades e artesanatos podem servir como distrações, muitos se perderam em ciclos alienados de vandalismo bobo e ativismo militante. O ponto é chegar a um caminho comum com outras e usar quaisquer meios que devem ser usados a fim de superar os obstáculos - que estão em todos os lugares.

A crise, o desastre, a situação de emergência tornaram-se um elemento fundamental do governo contemporâneo. É a crise como reorganização do espaço, da atenção, das pessoas. A crise como governo de emergência, como a própria força da lei. Como muitos foram obrigados a aprender, as crises são assim chamadas quando as coisas estão prestes a ser reestruturadas. O estado de emergência - o estado de anarquia governamental - é o nome dado à polarização do mundo sob o atual arranjo de forças: o Estado contra a sociedade. Temos visto isso nos dias seguintes ao bombardeio da Boston Marathon, quando tanques rondaram as ruas de uma cidade americana em busca de um único adolescente. Desastres naturais, pandemias de gripe, secas, falta de energia, insurreição e invasão: para o regime governamental contemporâneo, todos esses eventos são simplesmente momentos de desorganização a serem capitalizados. Se isto é oportuno para

ossos inimigos, que buscam retornar esses distúrbios temporários para uma nova e mais brutal, mais vazia normalidade, então poderia ser duplamente oportuno para aqueles de nós que esperam dissolver esta sociedade para sempre. Quando a crise vem à superfície, devemos empurrá-la para as suas conclusões absolutas: cada greve, uma greve geral; cada blecaute, uma onda de saques; cada protesto, um tumulto; cada tumulto, uma insurreição; cada piquete, um bloqueio permanente. Devemos fazer trincheiras de cada rachadura na sociedade.

O que começa em escala local deve ser pressionado através das fronteiras dos bairros, vilas, cidades e estados. Abrir linhas de comunicação. Seja inteligente: se camaradas em uma cidade a uma hora de distância tem uma prensa de impressão, pode fazer mais sentido começar uma fazenda de permacultura em sua cidade. Em vez de duplicar as coisas que um "nós" maior já pode fazer, crie redes de recursos através das quais todas nós possamos circular. Em cada momento, o ambiente hostil em que vivemos e os mecanismos que o constituem estão prontos para nos impedir de entrar em contato e aumentar nosso próprio poder. O processo contra-insurrecional ocorre tanto no nível



profundo, quase invisível da produção do dia-a-dia, quanto no nível altamente visível da dominação total. Organize-se para superar cada um desses obstáculos, um por um.

Na tentativa de construir uma força revolucionária, nós ficamos chocadxs com a impotência da nossa própria imaginação. Após uma reflexão, nossos desejos imediatos podem parecer tão estranhos a nós quanto o ambiente que os produz. Nós encontramos nossa própria estagnação e nosso próprio frenesi, as duas respostas automáticas para a incerteza. Algumxs se retiram para a depressão ou a posição de espectadorx, esperando que outrxs tomem a iniciativa. Outrxs correm para fazer alguma coisa, qualquer coisa, para afastar a ansiedade ou tédio. Ao começar com um plano para assumir a tarefa de construir um maior acesso ao nosso potencial, os próximos passos devem tornar-se mais evidentes. Quando elxs não são tão óbvios, há a conversa. Se isso falhar, há sempre a aposta.

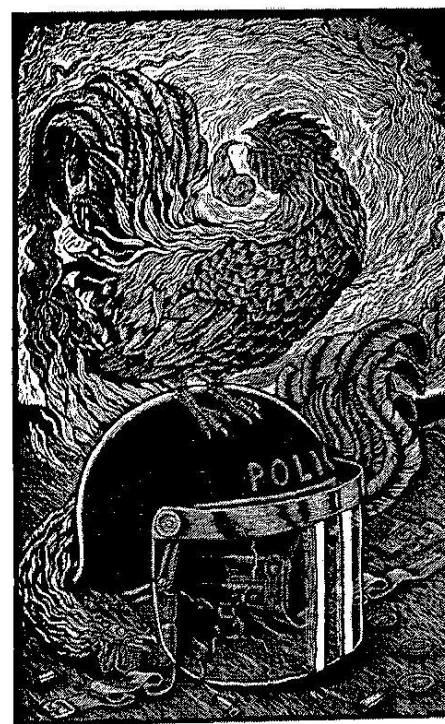
Na tentativa de construir uma vida em comum, somos confrontados imediatamente pelos limites impostos pela economia capitalista, dos postos de trabalho, aluguel e habitação desfavorável. Que camaradas e amigos sejam obrigados a trabalhar é um sinal de fraqueza profunda. Este é um problema coletivo que deve ser tratado com seriedade. O trabalho deve ser prestado voluntariamente: uma consideração tática ou estratégica, um prazer, não uma necessidade de sobrevivência. Claro que, o gasto mais premente é quase sempre o aluguel. Ele nos mantém trabalhando e desnecessariamente vulneráveis aos caprichos de proprietários, emergências e urbanistas. Camaradas deveriam se organizar para adquirir uma habitação o mais breve possível. É mais barato do que alugar e pode nos fornecer uma maior permanência e, portanto, insights estratégicos para os conflitos em torno de nós.

Na tentativa de apoiarmos uns aos outros, nos deparamos com nossa própria ignorância - nossa total in experiência em construir amizades e mantê-las, a nossa completa confusão quanto ao que significa amar uns aos outros, nossa fraqueza absoluta quando se trata de apoiar um ao outro emocionalmente, espiritualmente, materialmente. Nenhuma dessas condições deve nos paralisar, mas se nós permitirmos que elas definam quem somos ou o que estamos fazendo, eles podem muito bem nos paralisar. Cada um desses é simplesmente um obstáculo que, como todos os obstáculos, existe para ser superado.

Inevitavelmente, em certos momentos, vamos experimentar a nossa própria fraqueza. Um bairro é demolido para um novo complexo de uso misto; um ponto de encontro é invadido; um movimento morre. A depressão que vem com cada ciclo de luta que se fecha só pode ser rebatida pela convicção de que o próprio tempo está do nosso lado. A urgência imposta pelo iminente colapso da civilização não nos dá razão para pressa. A queda de Roma levou séculos. Temos de encontrar conforto sabendo que podemos ser parte de um movimento anti-imperial que atravessa gerações. A história não é a progressão linear que geralmente é feita para ser. Pensamentos, ideias e ações circulam e reaparecem ao longo do tempo, e as coisas que você pensou que iriam crescer infinitamente de repente caem fora. Como um jardim que morre a cada inverno, os movimentos e revoltas virão, nos fornecerão entusiasmo e energia, e em seguida desaparecerão. Se entendermos a nós mesmos como uma força que persiste através do tempo, vamos sobreviver à depressão de uma perda, não com exaustão, mas com força. Da próxima vez, vamos estar ainda mais preparadas.

Diferentes grupos de pessoas circulam através das fazendas em bairros distantes do centro, prontos para fornecer alimentos para milhares de pessoas que ocupam Woodruff Park. Um depósito no lado oeste tem caminhões e equipes que vão até hotéis abandonados e instalações de resíduos industriais, coletando "matéria-prima" - metal,

madeira, equipamento de cozinha - que pode ser usada para construir fornos de tijolos e consertar o novo edifício. Um café partidário do centro serve como ponto de entrada para os visitantes e os recém-chegados, assim como um ponto de entrada para insurgentes do Estado todo, da região, do país, e até mesmo do mundo. O clube de dança permite que as pessoas se misturem com a multidão após uma demonstração turbulenta, dando-lhes uma maneira de liberar um pouco a tensão. Transmissores de rádio pirata emitem a partir de locais secretos fora da cidade para espalhar a sedição e a heresia no coração de uma grande metrópole. Máquinas copiadoras universitárias são hackeadas para impressões gratuitas da assembleia deste fim de semana - a loja de impressão já está funcionando em tempo extra. Umx amigx sai da loja com uma mochila cheia de produtos e dá uma piscadela. Médiçxs e herbalistas estão prontos, equipadxs para lidar com quaisquer lesões que possam advir do tumulto de hoje à noite, bem treinados para o tratamento de ferimentos e lesões comuns. A casa do lago familiar é reaproveitada para acomodar cem pessoas para uma reunião de estratégia de verão. Lentamente, algo está crescendo.



***não precisamos de palavras nem de promessas,  
mas sim do constante acúmulo de pequenas realidades.***